

**A RECREAÇÃO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA ABORDAR
SEXUALIDADE E GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL***Recreation as a methodological tool to address sexuality and gender in Early Childhood Education***Dário Vinícius Ceccon Lanes** [dariocecon@yahoo.com.br]**Karoline Goulart Lanes** [ktguria@yahoo.com.br]**Marcelli Evans Telles dos Santos** [marcelli_mets@hotmail.com]*Universidade Federal de Santa Maria-UFSM**Avenida Roraima, 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria/RS, 97105-900, Brasil.***Elane Fabíola de Sousa Jerônimo Silva** [elanefabiola@hotmail.com]**Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira** [betinarochamoreira@yahoo.com.br]**Robson Luiz Puntel** [robson_puntel@yahoo.com.br]**Vanderlei Folmer** [vandfolmer@gmail.com]*Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA**Campus Uruguaiana/RS, BR 472, KM 592, 97500-970, Brasil, CX Postal 118.***Resumo**

Corpo, gênero e sexualidade estão presentes em todos os momentos e em todas as atividades e interações escolares e não-escolares das crianças e influenciam fundamentalmente sua maneira de viver, de ser, de se projetar no mundo. Tanto sexualidade quanto gênero é um tema complexo e reúne vários fatores amplamente configurados por aspectos sociais e culturais. Assim, este estudo objetivou investigar as percepções de crianças da Educação Infantil acerca da sexualidade e gênero, além disso, avaliar a eficácia de intervenções lúdicas. Os participantes do estudo foram divididos em dois grupos. O levantamento das percepções foi realizado por meio de desenhos e as intervenções ocorreram durante as aulas de Educação Física através de atividades recreativas. Após os resultados obtidos, constatou-se que as crianças do Grupo Intervenção apresentaram melhor desempenho no pós-teste em relação ao Grupo Controle e que a recreação pode servir como uma ferramenta metodológica para a aprendizagem da sexualidade e gênero na Educação Infantil.

Palavras-chave: Recreação; Sexualidade; Gênero; Educação em ciências; Educação física; Educação infantil.

Abstract

Body, gender and sexuality are present at all times and in all school activities and interactions and non-school children and fundamentally influence their way of life, of being in the world of designing. Both sexuality and gender is a complex subject and brings together several factors largely set by social and cultural aspects. This study aimed to investigate the perceptions of the kindergarten children about sexuality and gender, in addition, to evaluate the effectiveness of interventions playful. Study participants were divided into two groups. The survey was conducted of the perceptions through drawings and the intervention occurred during physical education classes through recreational activities. After the results obtained, it was found that children in Intervention Group showed better performance in the post-test compared to the Control Group and that recreation can serve as a methodological tool for teaching about sexuality and gender in children's education.

Keywords: Recreation; Sexuality; Gender; Science education; Physical education; Early childhood education.

Introdução

A abordagem sobre sexualidade é um tema complexo e que reúne vários fatores, ela pode ser compreendida como uma junção (sobrepota) do biológico, das crenças, das ideologias, dos desejos, dos afetos das manifestações e práticas sexuais, fatores esses amplamente configurados por aspectos sociais e culturais (PRADO & RIBEIRO, 2010). Além disso, está diretamente interligada a identidade sexual, ao gênero, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução (BARRETO, RIBEIRO & OLIVEIRA, 2010).

Assim, ao direcionarmos os nossos olhares para a sexualidade infantil, descobrimos que esta envolve principalmente a identidade de gênero, que dispõe subsídios para a criança se reconhecer como pertencente ao gênero feminino ou masculino, que se desenvolve no âmbito de instituições como a família e a escola (COSTA et al., 2009).

Desse modo, na busca pelo significado de gênero, Carvalho (2010) define-o como:

Uma construção cultural de feminilidade e masculinidade fundada na diferença sexual tem como objetivo desnaturalizar as diferenças e denunciar as desigualdades de sexo. O gênero é um modo de compreender mais claramente as relações existentes entre homens e mulheres e assim diluir preconceitos e geração de questionamentos sobre normas e condutas naturalmente atribuídas ao feminino e ao masculino.

No processo da formação de gênero, a família exerce a primeira influência, pois ao saber, durante a gravidez, o sexo da criança os familiares criam um ambiente impregnado pelas expectativas relacionadas ao gênero. O processo de formação de gênero também é influenciado pela escola, onde a criança vivencia um ambiente que apresenta grandes atributos sociais definidores de gênero através de comportamentos, falas, gestos, condutas e posturas (RIBEIRO, SOUZA & SOUZA, 2004). Apesar de grandes avanços sobre a discussão do tema pela sociedade, o diálogo sobre sexualidade e gênero nas escolas, incluindo a educação infantil, ainda acontece de forma incipiente, uma vez que é notória a ocorrência de dúvidas, mitos, e ideias pré-estabelecidas (BARRETO, RIBEIRO & OLIVEIRA, 2010). O assunto na maioria das vezes resume-se à abordagem da reprodução biológica (RIBEIRO, 2003).

De fato, tanto o campo da sexualidade quanto o da educação sexual, com ênfase nas relações de gênero, constitui espaço importante para a efetivação de propostas concretas de ação em que se combata a discriminação, o preconceito e a violência, tanto simbólica quanto real (COSTA et al., 2009). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) o trabalho de educação sexual na escola pode contribuir com a aprendizagem de um comportamento responsável sem estimular o aumento da atividade sexual (RIBEIRO, SOUZA & SOUZA, 2004). Pensando nisso, na escola pode haver vários contribuidores para essa formação, entre eles o educador físico.

Desta forma, a educação física vem somar-se à educação intelectual e a formação das crianças para que desde cedo tenham contato com práticas corporais e esportivas do mundo adulto (PRADO & RIBEIRO, 2010). A Educação Física, talvez pelo fato de permitir uma “aparente” liberdade aos corpos, é constantemente incitada a problematizar os conhecimentos sobre a constituição física e estética corporal, as adequações sexo-gênero dentro do contexto das atividades corporais e, não raro, as representações e dúvidas de alunos sobre sexualidades (PRADO & RIBEIRO, 2010).

Assim, partindo do princípio de que a Educação Infantil é um dos alicerces mais importantes da formação geral da criança e que o conhecimento a respeito de sexualidade e gênero é importante para auxiliar no desenvolvimento psíquico, afetivo e social, o intuito deste estudo foi investigar quais as percepções de crianças da Educação Infantil acerca da sexualidade e gênero e,

além disso, avaliar a eficácia das intervenções proporcionadas durante as aulas Educação Física que utilizaram o lúdico como recurso pedagógico.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com 42 crianças de ambos os sexos, entre 3 a 5 anos de idade, regularmente matriculadas na Educação Infantil de três escolas da rede privada de ensino do município de Uruguaiana/RS. A escolha das mesmas se deve ao fato de não apresentarem experiências anteriores da Educação Física na Educação Infantil.

O estudo foi desenvolvido durante três meses e teve início com a coleta das percepções das crianças sobre sexualidade e gênero, o pré-teste. A realização desta etapa foi em sala de aula com todos os participantes presentes, cada aluno recebeu uma folha em branco, lápis de cor, giz de cera e canetas coloridas. A solicitação consistiu em pedir que as crianças individualmente desenhassem a figura de um menino e uma menina. Algumas precauções foram tomadas no intuito de evitar que as mesmas reproduzissem os desenhos dos colegas, não as deixando perto uma das outras e também não foi estabelecido tempo para a realização da tarefa.

A segunda etapa correspondeu às intervenções, período no qual os alunos participaram de atividades recreativas durante as aulas de Educação Física. As atividades foram realizadas uma vez por semana, com duração de trinta minutos. O trabalho teve início em Setembro/2010, depois da aplicação do pré-teste e o seu término em Novembro/2010, totalizando 12 encontros. Os encontros tinham como objetivo desenvolver conhecimento sobre sexualidade e gênero, descobrindo como surgem e nascem os bebês, diferença entre menina e menino, ressaltando a equidade de ambos os sexos tanto no contexto cultural como social.

Como forma de avaliar as contribuições dessas atividades para o ensino de sexualidade e gênero, as crianças foram divididas em dois grupos: o Grupo Controle (GC), formatado por 10 integrantes (3 meninas e 7 meninos), no qual não participaram das atividades lúdicas e o Grupo Intervenção (GI), composto por 32 participantes (16 meninas e 16 meninos) que participaram das práticas educativas durante as aulas de Educação Física.

Descrição das atividades realizadas:

- Narrar como nascem os bebês. A atividade inicia-se primeiramente investigando o conhecimento das crianças sobre “nascer” através de um desenho. Ao final, o professor conta como nascem os bebês através de uma historinha infantil. Promove-se assim, um início de orientação sexual e desmistifica-se a ideia da “chegada da cegonha”.
- Apresentar figuras/imagens de bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos com o intuito de demonstrar quais as transformações que ocorrem no corpo destes; perguntar em qual período poderá nascer a barba e o bigode; quando crescem os seios, quando se pode gerar um filho, quando começa se a ter cabelo branco, etc.
- Realização de jogos de futebol, vôlei e basquete com times mistos.
- Dançar diversos estilos de música, onde as crianças podem dançar acompanhadas ou sozinhas.
- Separar os acessórios de uso feminino e os de uso masculinos.
- Caracterizar o colega com a roupa referente ao sexo, incluindo uso de acessórios.

- Realizar brincadeiras com participação mista de meninos e meninas. Onde se indaga às crianças quais as brincadeiras que elas acham que são somente para meninos e somente para meninas. A partir das respostas encontradas, o grupo inteiro participa de todas as brincadeiras sem distinção de sexo, perdendo as ideias pré-concebidas que discriminam e geram preconceito.

Posteriormente, ao final das 12 aulas, as crianças novamente foram solicitadas a realizar um desenho com a finalidade identificar uma possível mudança na percepção ou não sobre sexualidade e gênero. Nessa fase, o pós-teste, todos os alunos (GC e GI) foram avaliados seguindo as mesmas diretrizes do pré-teste.

De acordo com Gobbi (2012) os desenhos são formas das crianças se expressarem, sendo representações do mundo e fontes documentais, e por isso é tão pertinente a interpretação dos mesmos. Assim, para a análise dos resultados os desenhos foram submetidos a uma categorização indutiva conforme Otero, Moreira & Greca (2002), isto é, as 11 categorias emergiram dos próprios desenhos analisados: 1) Quando a criança desenhou por primeiro a figura masculina; 2) Desenhou por primeiro a figura feminina; 3) Desenhou menino e menina com cores diferentes; 4) Predominância da cor azul para representar o menino; 5) Cor rosa para representar a menina; 6) Figura masculina com cabelo curto; 7) Figura feminina com cabelos longos; 8) Menino de camiseta, bermuda; 9) Menina de saia, vestido; 10) Uso das cores azul, verde, preto, marrom nas roupas destinadas ao sexo masculino; 11) Uso das cores rosa, laranja, vermelho, roxo nas roupas destinadas ao sexo feminino (Figura 1).

Os dados foram armazenados no programa Excel 2003 (Microsoft) e analisados no software SPSS versão 17.0. Para avaliar se houve ou não a ampliação do conhecimento entre os dois momentos (antes e após as atividades lúdicas) utilizou-se o teste de McNemar e adotou-se nível de significância $p \leq 0,05$, para análise por categorias. Os desenhos foram avaliados de acordo com a ocorrência ou não das categorias.

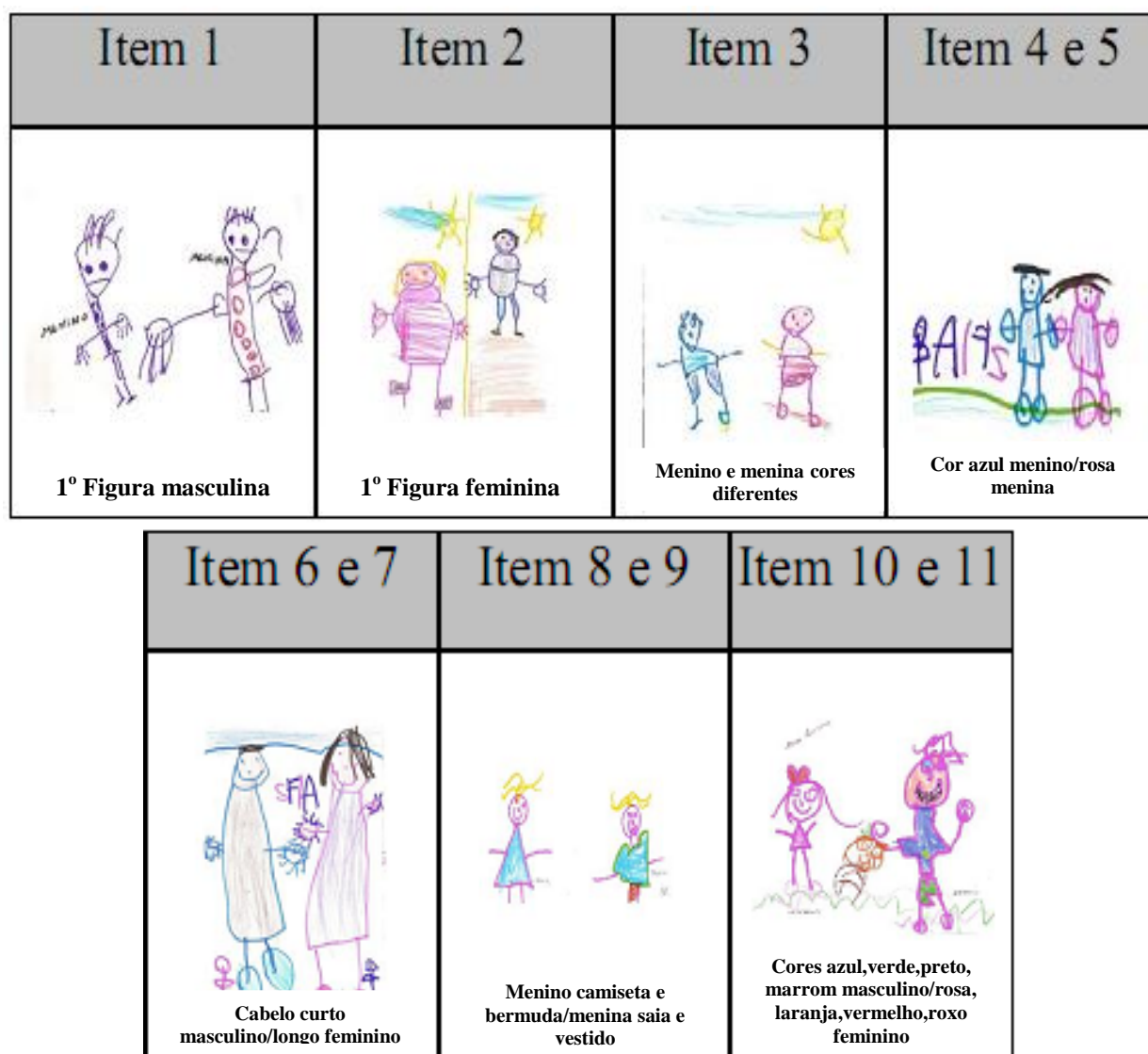


Figura 1 - Ilustrações representativas das categorias presentes nos desenhos.

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos demonstraram que é de entendimento comum às crianças participantes deste estudo que o sexo feminino é diferente do sexo masculino, pois todas desenharam, ao seu jeito, a figura masculina diferente da feminina. A maioria representou os sexos com cores diferentes e quando isso não ocorria o formato do corpo e/ou as vestimentas ainda assim os diferenciavam. Segundo Freud (1973) é justamente na faixa etária de 3 a 6 anos de idade que a criança dá-se então conta da diferença dos sexos, período denominado por ele de estágio fálico o qual corresponde a sua teoria de desenvolvimento psicosssexual.

Em relação à sexualidade foi possível observar que as crianças ainda não conseguem representá-la. Somente em um desenho as duas figuras expostas foram aproximadas, neste o menino e menina foram representados de mãos dadas; enquanto que nos outros as figuras estavam separadas lado a lado sem aproximação ou algum tipo de manifestação em relação a comportamento ou sentimentos.

Além disso, algumas crianças ainda apresentaram uma divisão através de uma linha entre os corpos e outras solicitaram mais uma folha a fim de desenhar cada figura em um local diferente.

Referente a estes achados é possível afirmar que a sexualidade começa logo nos primeiros meses de vida, entretanto, trata-se de uma organização que vai se estruturando em todas as fases de desenvolvimento sexual até atingir a maturidade. Conforme Escobar de Fernández (2008), nascemos e morremos com a sexualidade e ela está condicionada pela idade, pela sociedade e pela cultura em que cada indivíduo se desenvolve.

Na tabela 1 estão representados os resultados obtidos através da aplicação do pré-teste e pós-teste em ambos os grupos, controle e intervenção. Quanto ao GC não houve mudanças significativas em relação às percepções de gênero e sexualidade, ou seja, os desenhos do pós-teste foram semelhantes aos do pré-teste. Para o GI observou-se diferenças estatisticamente significativas entre os testes para quatro categorias, o item 2 (desenhou primeiro a figura feminina), item 3 (desenho menino e menina com cores diferentes), item 6 (figura masculina com cabelo curto) e o item 11 (uso das cores rosa, laranja, vermelho, roxo nas roupas destinadas ao sexo feminino) o que indica que houve uma ampliação do conhecimento por parte das crianças em relação a gênero e sexualidade após terem participado das atividades recreativas.

Tabela 1: Ocorrência das categorias no GC e no GI antes e após a intervenção.

CATEGORIAS	GRUPO CONTROLE			GRUPO DE INTERVENÇÃO		
	Pré Teste	Pós Teste	P	Pré Teste	Pós Teste	P
Item 1	3	3	1	14	20	0,180
Item 2	4	5	1	14	21	0,021
Item 3	3	4	1	12	23	0,013
Item 4	1	2	1	10	16	0,263
Item 5	2	3	1	11	20	0,064
Item 6	5	7	0,500	14	23	0,022
Item 7	6	7	1	15	18	0,508
Item 8	2	3	1	5	10	0,125
Item 9	3	5	0,625	14	20	0,210
Item 10	3	2	1	12	18	0,109
Item 11	2	3	1	13	24	0,001

Em relação à categoria referente ao cabelo curto, ele foi utilizado tanto para simbolizar a menina quanto o menino, outro fator positivo, pois expressa que não é necessário ter um cabelo comprido para definir ser menina, como também possuir cabelo curto para ser menino. Esse fato pode estar relacionado também com o ambiente que se interage com os adultos. Já no estudo realizado por Fernandes & Anastácio (2010), com crianças entre as idades de 6 a 11 anos, observou-se que todas as crianças representaram o menino com “*cabelo curto e calças*”; dois terços desenharam a menina com os “*cabelos compridos e saia*”; todos os rapazes se representaram com “*cabelo curto e calças*” e mais da metade das meninas representaram-se com “*cabelo comprido e saia*”.

Quanto ao uso das cores rosa e azul, as crianças do GI utilizaram mais a cor rosa para representar a imagem feminina do que o azul para imagem masculina. Para Ribeiro (2006), entre as próprias crianças, ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico-fisiológico, mas com concepções sociais, muitas apreendidas na família e no sistema das relações em que vivem. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolve atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem. Esse resultado pode ser atribuído ao fato das crianças elaborarem ideias sobre as relações sociais de sexo em seu meio e atuarem umas sobre as outras como agentes socializadores e delimitarem os espaços simbólicos de convivência próprios aos homens e às mulheres (RIBEIRO, 2006).

Segundo Costa et al. (2012) amarrar sexualidade e gênero corrobora que não dá para pensar em um sem considerar o outro. Assim, o uso do lúdico na recreação facilitou a compreensão das crianças para as questões de gênero e sexualidade. Segundo Ribeiro (2006), momentos das brincadeiras são expressivos para a presença dessas representações. No universo das brincadeiras infantis são manifestadas as maneiras como a criança lida com os corpos, o próprio e o dos outros, sempre por formas lúdicas que acabam por inventar e também reproduzir a sexualidade a partir de uma visão de mundo marcado por gênero.

Em estudo realizado por Figueiredo et al. (2009), observou-se que a sexualidade da criança entre a faixa etária de 3 a 5 anos está no sentido da busca de bem-estar sem erotização, ou seja, neste momento a busca de prazer não está ligada ao ato sexual, e sim, por exemplo, a descoberta do corpo. Zornig (2008) aponta que Freud deu uma grande importância à sexualidade infantil justamente por reconhecer ser valor estruturante: as teorias sexuais infantis permitem à criança interpretar o enigma de sua existência, construindo, através de sua fantasia, um lugar subjetivo que lhe permite descolar-se da posição de alienação original no discurso parental.

Ribeiro (2006), fala que nas interações cotidianas no meio infantil, os atores sociais apresentam classificações que atendem aos tipos ideais na definição do que seja o comportamento adequado e esperado de meninos e meninas. E dentre desses atores, podemos destacar o ambiente escolar. As relações sociais existentes na escola produzem representações de sexualidade e relações de gênero que devem ser analisadas, pois em sua maior parte reproduzem preconceitos e estereótipos que geram situações negativas entre meninos e meninas (COSTA et al., 2009).

Entretanto, Ribeiro (2003), destaca em seu estudo que os professores têm a ideia de que a criança não se interessa pela sexualidade. Os professores acreditam numa infância inocente, onde a sexualidade está ausente. Fato alarmante, pois verificamos em outros estudos que a sexualidade vivenciada pelas crianças, em faixa etária da educação infantil, está relacionada ao conhecimento corporal e a construção da percepção do gênero.

Costa et al. (2009), sugerem que antes de qualquer coisa, deve-se propiciar aos/as professores/as condições para que estes/as se percebam como seres sexuados no mundo, em permanente processo de educação, inclusive de educação sexual. Portanto, precisamos trazê-los para esta educação sexual emancipatória, fazendo-os refletir sobre os costumes repetidos acriticamente em nossa sociedade, questionando-os/as se os tabus, preconceitos e medos servem ainda para a realidade em que vivemos, tentando levar estes/as professores/as a falarem com naturalidade sobre a temática sexualidade.

Neste contexto, o papel do educador físico é bastante relevante na participação do ambiente escolar como fonte geradora de noções sobre a sexualidade e todos os aspectos inseridos nela. Deve-se atentar para o seu papel formador, pois é também nas práticas corporais e esportivas que se educam crianças e adolescentes para além de suas performances físicas, saúde, beleza, passando a produzir marcas associadas aos gêneros e às sexualidades (PRADO & RIBEIRO, 2010).

É por intermédio das atividades escolares da Educação Física que a articulação da categoria gênero com as de corpo, saúde, sexo, sexualidade, práticas corporais, atitudes ou gestos técnicos, vestimentas, adornos corporais, padrões de comportamentos, dentre outros, mesmo que desafiadora, pode se tornar produtiva. “Ao constituir-se como um dos espaços capaz de promover aprendizagens significativas, a Educação Física, ao atuar na educação dos corpos, deve, sobretudo, tecer intervenções que contemplem a diversidade e o não preconceito” (PRADO & RIBEIRO, 2010). Através das técnicas corporais, que carregam suas marcas históricas, a Educação Física planeja, propõe intervenções e educa pautada em pressupostos que pretendem adequar os corpos a seus “limites” biológicos, gêneros e sexualidade (PRADO & RIBEIRO, 2010).

Considerações finais

A partir dos resultados obtidos, constatou-se que, após a intervenção lúdica, houve um aumento significativo da percepção, comportamentos e conhecimento em quatro categorias, o item 2 (desenhou primeiro a figura feminina), item 3 (desenho menino e menina com cores diferentes), item 6 (figura masculina com cabelo curto) e o item 11 (uso das cores rosa, laranja, vermelho, roxo nas roupas destinadas ao sexo feminino) o que indica que houve uma ampliação do conhecimento por parte das crianças em relação a gênero e sexualidade. A inserção do professor de educação física na educação infantil pode contribuir para a formação da criança em diversos aspectos, entre eles a questão de gênero e sexualidade.

Assim, verificou-se, que a utilização da recreação para o ensino infantil contribuiu para a ampliação do conhecimento das percepções de sexualidade e gênero dessas crianças, pois na atividade recreativa, a qual é muito prazerosa, possibilita que a criança assuma um papel determinado e atue de acordo com ele, sendo esses elementos importantes para o aprendizado da criança. Nesse sentido, os resultados mostram que há necessidade de maior atenção neste tema desde cedo nas escolas.

Logo, o conceito de sexualidade pelas crianças em fase da educação infantil está intimamente ligado ao gênero. As noções de gênero são construídas transcendendo o limite biológico, com o envolvimento cultural, histórico e social na qual estão inseridas, principalmente no ambiente familiar e escolar.

Referências

- Barreto, T. A.; Ribeiro, C. V. & Oliveira, M. S. (2010). Educação e saúde: problematizando gênero e sexualidade em uma escola municipal de Juazeiro - BA. *Estudos IAT*, Salvador, v.1, n.1, p. 33-47.
- Brasil. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física*. Brasília: MEC/SEF.
- Carvalho, M. P. (2010). Gênero é um conceito complexo e de difícil sensocomunização. Considerações a partir de uma experiência de formação docente. *R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 12, n. 2.
- Costa, A. P. et al. (2009). Sexualidade, gênero e educação: novos olhares. *Revista Ibero-Americana de estudos em Educação*, v. 4, n.1.
- Costa, A. P. et al. (2012). Tamanho é documento? Uma análise da sexualidade, relações de gênero e formação docente através de desenhos infantis. *Revista Ibero-Americana de estudos em Educação*, v. 7, n. 3.
- Escobar de Fernández, M. E. (2008). *Hablemos de sexo: Todas las preguntas, todas las respuestas*. Buenos Aires: Paidós.
- Fernandes, G. & Anastácio, Z. (2010). Educar para a sexualidade no 1.ºCEB: concepções de corpo e identidade sexual/gênero. *Revista Educação para a Saúde, Cidadania e Desenvolvimento Sustentado*.
- Figueiredo, A. O. et al. (2009). A influência televisiva como desencadeadora da erotização infantil na contemporaneidade (3-5anos). *Pedagogia em Ação*, v.1, n.2, p. 1-122.
- Freud, S. (1973). **Obras Completas**. Madrid, Ed. Nueva Madrid.

- Frison, L. M. (2008). Corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. *Reflexão e Ação*, v 16, nº 1. Acesso em 14 set., 2010, <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/569/395>.
- Gobbi, M. (2012). Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista** Curitiba, n. 43, p. 135-47, jan./mar.
- Organização Mundial de Saúde (2001). Índice de massa corpórea. Acesso em 6 abr., 2010, http://www.who.int/nutrition/publications/manage_severe_malnutrition_por.pdf.
- Otero, M. R.; Moreira, M. A. & Greca, I. M.. (2002). El uso de imágenes en textos de física para la enseñanza secundaria y universitaria. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, v. 7, n. 2, p. 127-154.
- Ribeiro, J. S. (2003). “Brincar de Osadia”: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 345-353.
- Ribeiro, J. S. (2006). Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, n. 26, p.145-168.
- Ribeiro, P. C.; Souza, N. S. & Souza, D. O. (2004). Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. *Estudos Feministas*, Florianópolis.
- Prado, V. M. & Ribeiro, A. M. (2010). Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de conversa. *Motriz*, Rio Claro, v.16, n.2, p.402-413.
- Zornig, S. M. (2008). As teorias sexuais infantis na atualidade: Algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77.